

Epifania

Serra do Pilar, 8 janeiro 2017

**Um menino nasceu para nós,
Um filho nos foi dado! Aleluia!**

Ele estabelecerá a paz sobre a terra,
Desde agora para sempre!

Ele estabelecerá o Direito e a Justiça,
Desde agora para sempre!

Desde o "Menino envolvido em panos
e reclinado numa manjedoura"
que os nossos olhos veem a Luz que ilumina todo o Homem!

**Glória a Deus na Terra e nos Céus,
Glória, Paz na Terra!**

Esperar a Justiça para se fazer a Paz
é tão errado como esperar a Paz para se fazer a Justiça:
porque "a Justiça e a Paz se abraçam"!

**Glória a Deus na Terra e nos Céus,
Glória, Paz na Terra!**

A Encarnação do Verbo
vai mais fundo que o que a nossa mente imagina:
Ele fez-se carne «por causa de nós, homens,
e para nossa salvação»!

**Glória a Deus na Terra e nos Céus,
Glória, Paz na Terra!**

GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS!

Glória a Deus nas Alturas
e Paz na terra aos Homens por ele amados!
Senhor Deus, rei dos Céus, Deus Pai todo-poderoso!
Nós vos louvamos, nós vos bendizemos,
nós vos adoramos, nós vos glorificamos,

nós vos damos graças por vossa imensa glória!
Senhor Jesus Cristo, Filho Unigénito!
Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai!
Vós, que tirais o pecado do Mundo, tende piedade de nós!
Vós, que tirais o pecado do Mundo, acolhei a nossa súplica!
Vós, que estais à direita do Pai, tende piedade de nós!
Só vós sois o santo, só vós sois o Senhor,
só vós, o Altíssimo, Jesus Cristo!
Com o Espírito Santo, na Glória de Deus Pai!
Ámen!

Oremos (...)

Reapareça, Senhor,
nosso Deus e Pai nosso,
a Luz das Nações,
escondida no meio das nossas contradições:
que a Humanidade se reconheça na "humanidade" do teu Cristo!
Por Jesus Cristo, manifestado num Menino
enfaixado em panos e reclinado numa manjedoura,
na Unidade do Espírito Santo!
Ámen!

Leitura do Livro do Profeta Isaías (60,1/6)

Levanta-te, Jerusalém, e resplandece. Eis a tua Luz! Sobre ti se ergue a Glória do Senhor! Enquanto a Noite cobre a face da terra e as trevas dominam os Povos, sobre ti se levanta o Senhor e a sua Glória te é manifestada. As Nações seguirão a tua Luz e os reis andarão à tua claridade nascente. Ergue os teus olhos e vê: todos se reúnem e vêm a ti! Os teus filhos vêm de longe e as tuas filhas são trazidas ao colo. Quando vires tudo isto, ficarás radiante e o teu coração estremecerá e rejubilará, pois as riquezas do mar afluirão a ti e os tesouros das Nações te serão oferecidos. Multidões de caravanas, vindas de Madiã e de Efá, também de Sabá, encherão as tuas ruas, a trazer-te ouro e incenso e cantando as glórias do Senhor!

Salmo responsorial

Virão adorar-Vos, Senhor, todos os povos da terra!

Meu Deus, concede ao rei o poder de julgar
e a tua justiça ao filho do rei.

Ele governará o teu povo com justiça
e os teus pobres com equidade!

Em seus dias florescerá a justiça
e uma grande paz até ao fim dos tempos.

Ele dominará de um mar a outro mar,
do grande rio até aos confins da terra!

Leitura da Carta de Paulo aos Efésios (3,2/3a e 5/6)

Vós sabeis, Irmãos, o modo como Deus me concedeu e confiou a missão que me levou até vós, dando-me a conhecer, por revelação, o Mistério: escrevi-vos já a dizer-vo-lo em poucas palavras. Lendo-me, vós podeis dar-vos conta do entendimento que tenho do Mistério de Cristo. Este Mistério, escondido aos olhos dos homens no passado, acaba agora de ser revelado aos seus santos Apóstolos e Profetas, no Espírito: os pagãos são admitidos à mesma Herança, são chamados a ser membros do mesmo Corpo e participam da mesma Promessa *[feita]*, por meio do Evangelho, *[aos que acreditam]* no Cristo Jesus.

Aleluia!

Vimos a sua estrela no Oriente
e viemos adorar o Senhor!

Aleluia!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (2,1/12)

Tinha Jesus nascido em Belém da Judeia, ao tempo do rei Herodes, quando apareceram em Jerusalém uns Magos vindos do Oriente. *Onde está* - perguntaram eles - *o Rei dos Judeus que acaba de nascer?* Nós *vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo*. Herodes ouviu isto e ficou perturbado, e com ele toda a cidade de Jerusalém. Reuniu todos os

sumos-sacerdotes e escribas e informou-se junto deles onde deveria nascer o menino. Eles disseram: *Em Belém de Judá, pois está escrito: 'E tu, Belém, terra de Judá, nem por sombra és a mais pequena entre as principais terras de Judá, pois de ti sairá um chefe que será o Pastor de Israel, meu Povo!'*. Então, em segredo, Herodes mandou chamar os Magos e pediu-lhes informações precisas sobre há quanto tempo lhes aparecera a estrela. Depois, enviou-os a Belém e disse-lhes: *Ide obter informações precisas sobre o menino. Quando o encontrardes, avisai-me para eu ir também adorá-lo*. Ouvido o rei, puseram-se a caminho. E, então, a estrela que haviam visto no Oriente seguia à sua frente e foi pousar exatamente no lugar onde estava o menino. Ao verem a estrela, sentiram grande alegria. Entraram em casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, caindo de joelhos, prostraram-se diante dele. Depois, abriram os seus tesouros e ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em sonhos para não voltarem à presença de Herodes, regressaram às suas terras por outros caminhos.

Homilia

Todos vêm ao teu encontro (Is 60,3);

Os gentios recebem a mesma herança que os judeus: pertencem ao mesmo corpo e participam da mesma promessa, em Cristo Jesus, por meio da Boa Nova (Ef 3,5-6);

A estrela que tinham visto no Oriente seguiu à sua frente e parou sobre o lugar onde estava o Menino (Mt 2.10).

Vêm todos! Até os gentios!

Em 1973, o então Bispo do Porto, D. António, disse na fundação da paróquia de Nossa Senhora da Ajuda (Porto) que:

«(...) uma Igreja que se sente missionária, que tem o mandato deste mundo de hoje como ele é, que se sente *pequeno rebanho*, assembleia convocada e convocante, com missão principalmente de converter e

cristianizar os *cristãos* ou, na alternativa, de **passar aos bárbaros** [*quer dizer, aos gentios do tempo presente*], essa Igreja ensaia novos caminhos de acesso às inteligências e corações deste tempo, a nova linguagem no diálogo com o homem de hoje e os novos métodos de inserção da graça na natureza deste mundo que se quer personalizado e de dimensões humanas na socialização das estruturas e mentalidades. (...).

Ao inaugurar hoje em forma canónica definitiva esta paróquia de N^a S^a da Ajuda, ... eu não posso furtar-me à impressão de que algo de novo se está processando no grande plano da Igreja e da sua pastoral. (...).

É tempo de pastoralmente mudar: e, agora, ou mudamos ou seremos os novos pagãos a caminho igualmente do fim. ... Que na mutação se perca o menos possível; mas que assim seja, cada vez mais e melhor!...».

Tinha acabado o Concílio Vaticano II (1965), o Bispo chegado do exílio salazarento (1969), e já cheirava a “vila morena” (1974). Eu fora ordenado presbítero sete anos antes, em 1967. Parecia tudo “um mar de rosas”! Voltávamos todos aos Atos dos Apóstolos: “uma só alma” (2,46).

Mas não. Logo em 74, o barco virou o leme. Eu repito o que já paguei muito caro: “Se a reentrada do Bispo Ferreira Gomes abriu renovadas portas de esperança, a sua prática pastoral — D. António era um grande pensador, mas as suas capacidades de Pastor não se lhe podiam comparar — não foi muitas vezes capaz de compreender o que estava em questão”.

Não terão sido muitos os que entenderam que o que estava em causa era isto: Paróquia ou Comunidade? Esta pergunta surgiu no momento em que se manifestava a crise da paróquia, crise devida à explosão urbana, dizem os sociólogos, e — digo eu — à necessidade premente de rever a formação e escolha dos novos presbíteros.

E eu penso que tudo começou pelo Seminário Maior, pela formação dos novos presbíteros, alguns dos quais nós conhecemos.

A Igreja — era “tempo de pastoralmente mudar”! — devia insistir no esquema paróquia ou abrir-se à “graça da comunidade, reunida à volta da Palavra e do Sacramento, antevisão do Reino” — dizia Bonhöffer — e “comunidade que é uma graça”, nunca uma instituição ou coisa parecida, e

“graça não acessível a todos”! Em 1977, em Ermesinde, era “tempo de pastoralmente mudar”, mas a paróquia bateu o pé, e acabou a conversa.

É verdade que, em 1975, Paulo VI, numa Exortação Apostólica, *Evangelii nuntiandi*, tinha apontado entre muitas outras coisas, estas duas: Evangelização (anúncio de Cristo àqueles que o desconhecem...) e Comunidade (pequenas comunidades ... que nascem da necessidade de viver mais intensamente a vida da Igreja..., sobretudo nas grandes metrópoles urbanas contemporâneas...).

O barco virou o leme. Parte importante do clero diocesano que até aí dava e queria dar aulas (de Moral!) nas escolas do Estado começou a abandonar esse lugar e passou a criar e depois a gerir IPSSs. A par, matou o domingo e multiplicou as missas e as intenções (quanto menos padres, mais missas). Não sei se foi nesta altura que começou esta possibilidade de celebrar casamentos, batizados e sei lá mais quê fora da paróquia de referência (que também por aqui morria) — a paroquial ou a capela do vizinho era mais bonita! — ou em sítios que não lembravam nem ao diabo. E, ainda por cima, começaram a ser os restaurantes a marcar a festa!

Da Evangelização é que ninguém mais se lembrou, ou melhor, quase mais ninguém se lembrou, apesar da palavra de Paulo VI: “evangelizar não de maneira decorativa, mas em profundidade, até às raízes”, e apesar da palavra de Jesus: “Ide por todo o mundo e anunciai a Boa Nova a toda a criatura!” (Mc 16,15).

Quando, em 1982, João Paulo II veio pela primeira vez a Portugal, os senhores bispos desta terra apanharam um grande raspanete do Papa: “Desejo sublinhar uma função do pastor: a de guiar o rebanho. Guiar é ir à frente”. O episcopado reagiu bem, logo no ano seguinte: “Urge desencadear uma ação sistemática de grande envergadura no sentido de proporcionar a todos uma verdadeira iniciação cristã inspirada na pedagogia catecumenal da fé”.

A tarefa era grande e praticamente ninguém lhe pegou. Em 1990, João Paulo II insistiu sobre esta questão, com um documento à escala planetária, “A missão do Redentor”, e o episcopado português repetiu-a, nomeadamente em 1994, com uma importante afirmação: “A formação

cristã dos adultos supõe a renovação pastoral das comunidades [e] é a partir da formação cristã dos adultos que podemos encontrar a base para a educação da fé dos mais novos”. Mas nunca se passou à prática.

O clero mais novo depressa optou por fazer obras na paróquia — a Torre dos Clérigos, por exemplo —, e começou a dizer que a religiosidade popular era muito rica e *botaba* muitas missas, com muitas intenções. Entretanto, começaram os *anos* — *marianos*, *paulinos*, e de: o ano *da misericórdia*, *da alegria do Evangelho*, *da fé*, ... —, iniciativas de dimensão planetária, diocesana ou paroquial, umas em cima das outras, com espalhafato e alarde (a que muitos chamam folclore). Assim nasceu “um mal-estar muito vasto não só em relação ao tom e ao conteúdo fundamentalista das homilias dominicais, como acerca das desastradas atitudes no acolhimento aos pedidos de batismo e de casamento. Em certos casos, em vez de constituírem uma oportunidade de evangelização, resultam em afastamento e azedume contra a Igreja” (Fr. Bento).

Sim, é verdade. Mas há mais. Agora, importante é “o restauro das igrejas de S. Lourenço, das Almas, S. José das Taipas, S. Nicolau, capela da Senhora do Ó, S. João Novo e Santo Ildefonso. Entre várias outras iniciativas, o Porto [?] pretende recuperar algumas tradições religiosas, como o presépio vivo, a Via Sacra, o cortejo de Carnaval, a recriação da tragédia da Ponte das Barcas”! Agora, não são os dominicanos que o dizem, mas sim o JN.

Meus irmãos:

Muito se falou da 1ª *Exortação Apostólica* do Papa Francisco, que levava por título “A alegria do Evangelho”. Encheram tudo de bandeiras e painéis - fachadas de igrejas, cruzamentos de caminhos, casas comerciais — a proclamar “A alegria do Evangelho”. Mas não houve nem Evangelho nem alegria. Alegria houve na Samaria quando, ali anunciada a Boa Nova, rebentou “grande alegria na cidade” (At 8,4-8); alegres ficaram os pagãos de Antioquia quando ouviram a palavra do Senhor (At 13,48), ou em Listra, quando Paulo, anunciador, encheu de alegria os corações dos Listrenses (At 14,17).

E já antes, a Boa Nova convidava insistentemente à alegria: *Alegra-te* é a saudação do anjo a Maria (Lc 1,28). A visita de Maria a Isabel faz com

que João salte de alegria no ventre de sua mãe (cf. Lc 1,41). No seu cântico, Maria proclama: *O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador* (Lc 1,47). E, quando Jesus começou o seu ministério, João exclamou: *Esta minha alegria! Estou felicíssimo!* (Jo 3,29). O próprio Jesus *estremeceu de alegria sob a ação do Espírito Santo* (Lc 10,21). A sua mensagem é fonte de alegria: *Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa* (Jo 15,11). A nossa alegria cristã brota da fonte do seu coração transbordante. Ele promete aos seus discípulos: *Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há de converter-se em alegria* (Jo 16,20). E insiste: *Eu hei de ver-vos de novo! Então, o vosso coração há de alegrar-se e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria* (Jo 16,22). Depois, ao verem-no ressuscitado, encheram-se de alegria (Jo 20,20). O livro dos Atos dos Apóstolos conta que, na primitiva comunidade, *tomavam o alimento com alegria* (2,46). Que, por onde passavam os discípulos, *havia grande alegria* (8,8); e eles, mesmo no meio da perseguição, *estavam cheios de alegria* (13,52). Um eunuco, recém-batizado, *seguiu o seu caminho cheio de alegria* (8,39); e o carcereiro *entregou-se, com a família, à alegria de ter acreditado em Deus* (16,34).

Porque não havemos de entrar, nós também, nesta torrente de alegria?!

Levanta-te, Jerusalém, eis a tua Luz!...

A multidão vinha também das cidades próximas... (At 5,16) e muitos seguiam depois o seu caminho *cheios de alegria* — o eunuco da Etiópia (8, 39) ou Saulo caído do cavalo —, *cheios de alegria e do Espírito Santo* (13,52) ficaram também Paulo e Barnabé depois de procederem ao anúncio aos pagãos de Antioquia, ou Paulo e Barnabé em Listra (14,17), etc., etc...

Meus irmãos: “Caminhante! Não há caminho, / faz-se caminho ao andar. /A andar faz-se caminho, E ao olhar para trás / Vê-se a senda que jamais / se voltará a pisar. / Caminhante, não há caminho / somente sulcos no mar” (A. Machado).

A parada próxima é a Páscoa, 16 de abril!

Profissão da fé

CREIO em um só Deus, Pai todo-poderoso,
Criador do Céu e da terra,
de todas as coisas visíveis e invisíveis!
Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,
Filho Unigénito de Deus,
nascido do Pai antes de todos os séculos:
Deus de Deus,
Luz da Luz,
Deus verdadeiro de Deus verdadeiro!
Gerado, não criado,
consustancial ao Pai,
por ele todas as coisas foram feitas!
E por nós, homens, e para nossa salvação, desceu do Céu
e incarnou pelo Espírito Santo,
no seio da Virgem Maria,
e se fez Homem!
Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos,
padeceu e foi sepultado!
Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras;
e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai.
De novo há de vir em sua glória
para julgar os vivos e os mortos;
e o seu Reino não terá fim.
Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a Vida,
e procede do Pai e do Filho
e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado:
Ele que falou pelos Profetas.
Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica.
Professo um só Batismo para a remissão dos pecados,
e espero a ressurreição dos mortos
e a vida do Mundo que há de vir.
Ámen!

**Ergue os teus olhos a Luz surgiu,
Hoje nasceu o nosso Deus,
Dias de paz amanheceram,
Hoje nasceu o nosso Deus!**

O povo que andava nas trevas,
viu uma grande luz!

Eis o sinal do nosso Deus!

Um menino nasceu para nós,
um filho nos foi concedido!

Oração final

Oremos (...)

Senhor, nosso Pai!

Ao contrário dos nossos maiores,
que caminharam da Páscoa para o Natal,
nós, que caminhamos no Tempo,
seguimos viagem do princípio para o fim,
do Tempo para a Eternidade,
da História para o Reino,
do Natal para a Páscoa.

Anima os nossos passos.

E, nesta imagem da vida que é a Liturgia
que celebramos,
guia os nossos passos no caminho da Paz,
na perseguição do Reino que nos foi prometido.

Acreditamos em ti,
caminhamos para ti,

fortalece os nossos passos para Ti!

O Senhor Jesus seja a nossa luz para o caminho,
o Espírito, o alento de forças débeis,
a Eucaristia, o alimento que fortalece,
e a Igreja, a Mãe solícita que nos trata dos precisos.

**Glória a Ti, Deus da Luz,
Glória a Ti, Luz que nos conduz!
Aleluia!**

Na despedida

Segundo uma antiga tradição da Liturgia Romana, no fim da celebração da Epifania, são anunciadas à Comunidade as festas móveis do ano.

São, é verdade, resquícios dum tempo em que os calendários e os próprios relógios não existiam, tão pouco a Comunicação Social, e se tornava, portanto, necessário anunciar o que quase todos desconheciam.

A beleza do velho texto e o facto de, de um modo exemplar, ele colocar o ano na órbita da Páscoa aconselha se não perca esta velha peça litúrgica.

**A Glória do Senhor manifestou-se
e manifestar-se-á no meio de nós,
até à sua vinda no fim dos tempos.
É nos ritmos e vicissitudes do tempo
que recordamos e vivemos os mistérios da Salvação.
O centro de todo o ano litúrgico
é o Tríduo do Senhor Crucificado, Sepultado e Ressuscitado,
que culminará com a Páscoa, a 16 de abril.
Em cada Domingo, Páscoa semanal,
a santa Igreja torna presente este grande acontecimento,
no qual Jesus Cristo venceu o pecado e a morte.
Da Páscoa derivam todos os dias sagrados:
as Cinzas, início da Quaresma, a 1 de março,
a Ascensão do Senhor, a 28 de maio,
o Pentecostes, a 4 de junho,
e o primeiro domingo do Advento, a 3 de dezembro.
No dia 5 de Março,
será publicado o número 2.000 da nossa Folha dominical!
Entra ainda nesta agenda
o costumado passeio no início do Verão,
a realizar possivelmente a 11 e 18 de junho.**

**De resto, nas festas de Santa Mãe de Deus,
dos Apóstolos, dos Santos
e na Comemoração de Fiéis Defuntos
(entre os quais recordaremos
os que viveram no meio de nós),
como Igreja Peregrina sobre a Terra,
celebraremos domingo a domingo
a Páscoa do Senhor.
Por tudo isto,
ao Senhor do Tempo e da História,
que foi, que é e que há de vir,
louvor e glória pelos séculos dos séculos!
Ámen!**

Final

Adeste, fideles, læti, triumphantes,
Depressa, ó fiéis, alegres e prazenteiros,
Venite in Bethalem!
Vinde a Belém!
Natum videte, Regem Angelorum;
Vinde ver o nascido, o Rei dos Anjos;
Venite, adoremus Dominum!
Vinde adorar o Senhor!

LEITURAS DIÁRIAS

TEMPO COMUM. Para o Ofício Divino toma-se o 3º volume da *Liturgia das Horas*.

- 2.^a-feira: Heb 1, 1-6; Sl 96; Mc 1, 14-20
- 3.^a-feira: Heb 2, 5-12; Sl 8; Mc 1, 21-28
- 4.^a-feira: Heb 2, 14-18; Sl 104; Mc 1, 29-39
- 5.^a-feira: Heb 3, 7-14; Sl 94; Mc 1, 40-45
- 6.^a-feira: Heb 4, 1-5; Sl 77; Mc 2, 1-12
- Sábado: Heb 4, 12-16; Sl 18; Mc 2, 13-17